

FERNANDO PESSOA EM ALEMÃO E EM ESPANHOL: PROBLEMAS DISTINTOS DE TRADUÇÃO*

DIETER WOLL

Marburg

As exposições que seguem devem ser compreendidas primariamente não no âmbito da teoria da tradução mas, no do tema geral “comparação das línguas germânicas e românicas”, enquanto estudo contrastivo entre línguas. Os problemas de tradução arrolados interessam, portanto, em primeiro lugar na qualidade de problemas que originam nas diferenças estruturais entre o alemão e as línguas românicas. É bem verdade que, no caso, debatem-se determinadas traduções existentes e em uma oportunidade propõem-se alternativas de tradução, mas o trabalho não consiste nem na apreciação das traduções discutidas enquanto tais, ou seja, como êxito ou fracasso de versão, nem pretende melhorá-las através das alternativas propostas: os exemplos citados e as alternativas debatidas têm fim único e exclusivo de ilustração dos problemas determinados pelos contrastes interlingüísticos. A ilustração ocorrerá, aliás, através daqueles exemplos, nos quais os problemas de tradução decorrem da respectiva estrutura global da língua de partida (LP) e das duas línguas de chegada (LCH). Não faria muito sentido investigar problemas mais circunstancias, mesmo que estes estivessem, em última análise, ligados à feição diferenciada da respectiva “langue”. Assim sendo, pode parecer que com esta restrição temático-metodológica ao contrastivo entre as línguas, estaria suprimido exatamente aquilo que constitui, no caso de Fernando Pessoa, o atrativo especial dos estudos críticos de tradução: aquilo que lhe é específico, o seu idioleto, que pela multiplicidade dos estilos poéticos tem cunho especialmente rico em sua obra. E, de fato, suprime-se o idioletalmente característico já em boa parte porque é precisamente em seu âmbito que o sentido poético dos respectivos fenômenos teria que ser discutido de antemão,

* Tradução do original alemão, “Fernando Pessoa auf deutsch und auf spanisch: unterschiedliche Übersetzungsprobleme”, por Markus Lasch.

antes que se aventasse enfrentar a questão da reprodução numa outra língua, o que todavia é impossível no espaço aqui disponível. Por outro lado, o idioleto de Fernando Pessoa consiste muitas vezes na utilização extrema de recursos de sua língua materna que, por causa de diferenças estruturais, são dificilmente reproduzíveis em outras línguas. A análise crítico-comparativa de determinados trechos da sua obra revela então ao mesmo tempo o idioleto e o contrastivo. Em alguns momentos das nossas exposições, ocorrerá exatamente isto.

No que diz respeito aos excertos textuais, procurei selecionar trechos que, numa primeira leitura, seriam mais facilmente acessíveis, mesmo para aqueles que não tivessem familiaridade com Fernando Pessoa ou com o texto escolhido. Sabem os conhecedores do autor e os conhecedores de seu estilo particular que nos deparamos em sua obra com formulações concisamente comprimidas que requerem às vezes a leitura reiterada mesmo da parte do falante nativo, antes que ele possa se dar conta não só de um eventual sentido imediatamente evidente mas também da respectiva estrutura sintático-formal, a fim de expô-la de maneira que ela possa servir como base para reflexões que dizem respeito à tradução. Estas dificuldades de transparência existem, também para o falante nativo, mesmo naqueles casos em que o autor não viola nem o sistema e nem mesmo a norma da LP, comprimindo apenas a expressão de tal maneira que ela se torna desconcertante. Para deixar isso mais claro, citarei de saída um exemplo típico do problema e tentarei, mediante uma tradução metalingüísticamente evidenciada, salientar as estruturas de conteúdo e sintático-formal, sem ir além, isto é, sem propor uma tradução objetiva para o alemão ou recorrer criticamente a uma tradução já existente para este idioma.

No *Livro do Desassossego*, o *Buch der Unruhe* na tradução para o alemão de Georg Rudolf Lind, uma obra do espólio de Pessoa, que foi publicada há pouco menos de 15 anos e que desde então representa provavelmente a obra mundialmente mais citada e discutida do autor, encontra-se o trecho: “Considerarei que Deus, sendo improvável, poderia ser, podendo pois dever ser adorado (...)”¹ Evidenciado metalingüísticamente isto significa - e penso que aqui interpreto bem os dois gerúndios e transponho-os corretamente para orações subordinadas do alemão - : “Ich bin zu der Ansicht gelangt, dass Gott,

¹ Fragmento do dia 29.3. de 1930, citado conforme: Fernando PESSOA, *Livro do Desassossego*. Por Bernardo Soares. Leitura, fixação de inéditos, organização e notas: Teresa Sobral CUNHA. (Primeira edição. Lisboa 1991), vol. II, p. 19; as edições de Maria Aliete GALHOZ / Teresa Sobral CUNHA / Jacinto do Prado COELHO (Lisboa 1982; aqui: Nr. 192, vol. I, p. 217) bem como de António QUADROS (Mem Martins 1986; aqui: I, p. 47) não apresentam variações em relação ao trecho aqui citado exceto um ponto-e-vírgula ao invés da terceira vírgula. Versão alemã: Fernando PESSOA, *Das Buch der Unruhe des Hilfsbuchhalters Bernardo Soares*. Aus dem Portugiesischen übersetzt und mit einem Nachwort versehen von Georg Rudolf LIND. (Dritte Auflage. Zürich 1986) (aqui: p. 16).

wiewohl unwahrscheinlich (d.h. “wiewohl e r unwahrscheinlich ist”, nicht “wiewohl e s unwahrscheinlich ist”), sein könnte, so dass er also auch angebetet werden müssen kann (bzw.: könnte)”. Mesmo com leitura reiterada e mesmo sendo falante nativo, temos repetidamente que procurar esclarecer - já no texto de partida - o que se liga sintaticamente a que, sendo que o texto alemão é tanto mais intrincado, na medida em que traz um enfileiramento de formas verbais ainda mais complicado que o original: “angebetet werden müssen kann (ou “könnte”)”. Este enfileiramento intrincado no alemão resulta da colocação final obrigatória da forma verbal finita “kann” ou “könnte”. Neste sentido, esta frase tipicamente pessoana representa, pela utilização de modais² que nuançam complicadamente, associados a gerúndios e um condicional mais uma vez nuançante, exatamente aquilo - pelo menos com vistas a uma tradução para o alemão - que nos interessa aqui: um problema com vistas a uma tradução razoavelmente compreensível, determinado por diferentes estruturas de sintaxe em LP e LCH. Contudo pretendo abrir mão deste e de outros casos igualmente complicados. Quero, ao contrário, tentar analisar, mediante exemplos mais simples, problemas semelhantes no âmbito da sintaxe e da morfo-sintaxe do verbo.

Os exemplos que reproduzi mais abaixo são de um dos poemas mais famosos de Fernando Pessoa, um poema que ele publicou em 1933 na *Presença*³, revista coimbrese de vanguarda: *Tabacaria*. É desinteressante saber que Pessoa não publicou o poema sob seu nome de batismo, e sim, sob o nome de Álvaro de Campos, uma das figuras fictícias, sob o nome das quais publicava, ou legava inéditos à posterioridade, determinados poemas e às vezes também textos em prosa. Estas figuras fictícias, que o próprio Pessoa chamou de “heterônimos” (“Heteronyme”), têm concepções de mundo próprias, tratam das respectivas temáticas cada uma de maneira inconfundível, no que diz

² O termo original é *Modalverben* que em alemão designa verbos que têm complemento de um outro verbo no infinitivo e expressam uma modalidade. Ou seja, verbos (poder, querer, dever, ter que, gostar de, etc.) que determinam a maneira pela qual o sujeito da oração se relaciona com a ação expressa pelo infinitivo (possibilidade, necessidade, permissão, proibição, desejo etc.). [Nota do trad.]

³ Referente a data da primeira publicação e a data da escritura (15.1. 1928) cf. a edição crítica mais abaixo mencionada, onde figuram (pp. 433-6) também as variantes de dois manuscritos intactos do autor, que não tem maior interesse no nosso contexto, exepuando-se o uso de maiúsculas em “(Dono da) Tabacaria”, mencionado no fim deste artigo mas não pormenorizado, que nos manuscritos aparece tão somente num único “Dono da tabacaria” no V. 164, e apenas no Manuscrito a.

respeito à composição literária e, mais especificamente, à composição lingüístico-estilística.⁴

Tabacaria é provavelmente o poema mais traduzido de Pessoa, no que concerne o alemão e do espanhol, isto é, às línguas românicas em sua totalidade. A análise crítica de tradução pode, portanto, apoiar-se em material de observação relativamente farto. Precisamente quando há várias traduções de uma obra e elas são, além disso, de épocas bastante diferentes, coloca-se em primeiro lugar a pergunta, até que ponto é verificável se todos os tradutores usaram, mesmo nos momentos em que divergem consideravelmente, a mesma versão do texto. Pois bem, a edição crítica dos *Poemas de Álvaro de Campos*, cujas referências bibliográficas mais exatas encontram-se abaixo, nos diz que, pelo menos para os trechos a serem analisados aqui, não existe a menor variação nas edições que os tradutores poderiam ter utilizado, com exceção de uma vírgula⁵ sem maior importância. Eventuais divergências de antologias não mencionadas nesta edição são pouco prováveis enquanto fonte para eventuais divergências entre os tradutores, na medida em que todos eles - menos Celan que será mencionado em primeiro lugar - verteram a obra de Pessoa em tamanha proporção que a utilização de uma edição completa ou parcial, que conste da edição crítica, é quase certa, mesmo nos casos em que os tradutores não prestam contas do TP que lhes serviu de base. (Aqui e doravante: TP = texto de partida, TCH = texto de chegada)

Agora algumas palavras ainda, acerca das traduções. Em 1) temos uma tradução de Paul Celan que este realizou “com colaboração de Edouard Roditi”. No que segue, a citarei, de forma abreviada, apenas como tradução de Celan. Por outro lado, não me preocuparei com a questão até que ponto esta tradução, que em vários momentos faz uso bastante livre do original, sintaticamente e nos outros aspectos, relaciona-se com a concepção geral de Celan sobre a tradução literária de um poeta por outro poeta e que, a rigor, só poderia ser apreciada, levando em consideração os princípios básicos desta concepção; isto se estivesse em questão o resultado obtido por Celan e não - com é o caso aqui - a análise lingüística e de teoria da tradução de determinados fenômenos lingüísticos.⁶

⁴ Cf. o estudo clássico de Jacinto do Prado COELHO a este respeito, *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. Lisboa 1949; várias edições posteriores, ampliadas e atualizadas.

⁵ Verso 146 segundo p. 200 sem vírgula nas com Ag. citadas obras completas da *Obra poética* de Pessoa, que foi utilizada em sua 9ª edição, de 1986 (cf., op.cit., p. 50), mas cuja primeira edição já date de 1960.

⁶ Referente a concepção e praxis celanianas da tradução literária cf. Leonard Moore OLSCHNER, *Der ferste Buchstab. Erläuterungen zu Paul Celans Gedichtübertragungen*. Göttingen / Zürich 1985, bem como: Fred LÖNKER, “Überlegungen zu Celans Poetik der Übersetzung”. In: *Datum und Zitat bei Paul Celan*. 1987, pp. 211-28

A tradução alemã em 2), de Georg Rudolf Lind, não necessita de maiores comentários introdutórios, a não ser o de que com Lind, em oposição a Celan, não fala o praticante de literatura ficcional enquanto tradutor mas sim o teórico literário, mais especificamente o hispanista e lusitanista que se dedicou durante décadas à obra de Pessoa, como pesquisador, como professor, como editor e desde o começo também como tradutor.

Em 3) e 4) encontram-se duas versões da tradução de José Antonio Llardent que pela publicação distam em cinco anos. A versão mais tardia, de 1987, no entanto só será transcrita onde diverge da anterior e as divergências figurarão, para mais fácil visualização, em itálico. O itálico aqui não significa, pois, que todos os trechos assinalados serão analisados. Só serão assinalados se concernem aos fenômenos aqui tratados. A tradução de Llardent, aliás, não é a primeira tradução da *Tabacaria* para o espanhol. O próprio Llardent fala, já em 1978, de duas traduções precursoras em espanhol, uma das quais do poeta mexicano Octavio Paz. Infelizmente não tive acesso a nenhuma das duas e nem tampouco a outras duas que Llardent acrescenta, em 1987, à lista de seus precursores.⁷ Em compensação pude consultar uma outra, a do espanhol Angel Crespo, reproduzida em 5).

ORIGINAL

Tabacaria (texto conforme: *Edição Crítica de Fernando Pessoa*. Série Maior. Vol. 2: *Poemas de Álvaro de Campos*. Edição de Cleonice BERARDINELLI. (Lisboa:) Imprensa Nacional - Casa da Moeda 1990, p. 196-201).

I)

Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

4 Àparte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

II)

130 Mas o Dono da *Tabacaria* chegou à porta e ficou à porta.

Olho-o com o desconforto da cabeça mal voltada

⁷ Uma relação abrangente das traduções da obra de Pessoa para outras línguas e de resenhas destas traduções oferece José BLANCO, *Fernando Pessoa*. Esboço de uma bibliografia. (Lisboa 1983), pp. 457-76. Não foi possível cotejar todas as traduções para o espanhol, que constam nas páginas 457-76 do volume, para verificar se conteriam *Tabacaria*. - Num *hand-out* para uma comunicação sobre a recepção de Pessoa fora de Portugal, no âmbito do "colloque international" *Du Symbolisme au Modernisme au Portugal*, Paris 15.-17. de março de 1990, cujas atas não foram publicadas por hora, o autor fornece seis páginas de anexo (apenas traduções em forma de livro). Entre as nove traduções para a língua espanhola não se encontra nenhuma referente às obras de Álvaro de Campos.

- 132 E com o desconforto da alma mal-entendendo.
(...)
- 146 Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar tabaco?),
E a realidade plausível cai de repente em cima de mim.
Semiergo-me enérgico, convencido humano,
- 149 E vou tencionar escrever êstes versos em que digo o contrário.
(...)
- 161 Visto isso, levanto-me da cadeira. Vou à janela.
O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na algibeira das calças?),
Ah, conheço-o: é o Esteves sem metafísica.
(O Dono da Tabacaria chegou à porta.)
- 165 Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me.
Acenou-me adeus, gritei-lhe *Adeus ó Esteves!*, e o universo
Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o Dono da Tabacaria sorriu.

TRADUÇÕES ALEMÃS

1) *Tabakladen* (texto conforme: Fernando Pessoa, *Sieben Gedichte*. Unter Mitarbeit von Edouard RODITI aus dem Portugiesischen übertragen von Paul CELAN. In: *Die Neue Rundschau*, ano LXVII, 1956, pp. 405-410 (agora também em Paul CELAN, *Gesammelte Werke in fünf Bänden*, Bd. 5, (Frankfurt a. M.): Suhrkamp Verlag (1983), pp. 579-93).

I)

Ich bin nichts.
Werde nie etwas sein.
Kann nie etwas sein wollen.

- 4 Und trage dennoch die Träume der Welt allesamt in mir.

II)

- 130 Aber jetzt ist der Inhaber des Ladens in der Tür erschienen und stehen geblieben.

Ich betrachte ihn mit Unbehagen, mit halbwegs verrenktem Hals,

- 132 Mit dem Unbehagen einer nur halbwegs begreifenden Seele.

(...)

- 146 Aber ein Mann hat den Laden betreten (um Tabak zu kaufen?),

Und die triftige Wirklichkeit nimmt mich in Anspruch.

Ich richte mich auf - energisch, überzeugt, menschlich -

- 149 Und schicke mich an, Verse zu schreiben, darin ich das Gegenteil sage.

(...)

- 161 Dann stehe ich auf und gehe ans Fenster.

Der Mann verlässt jetzt den Laden (und tut dabei sein Kleingeld in die Hosentasche?)

Aber - ich kenn ihn ja! Das ist ja der völlig unmetaphysische Esteves!

(Der Inhaber des Ladens erscheint in der Tür.)

- 165 Esteves hat eine Eingebung: er wendet den Kopf und erblickt mich.
Er winkt mir, ich grüsse zurück: Wiedersehen, Esteves -
Und das Weltall fügt sich mir wieder zusammen, ohne Ideal, ohne Hoffnung,
Und der Inhaber des Ladens lächelt zu mir herüber.

2) *Tabakladen* (texto conforme: Fernando Pessoa. *Álvaro de Campos / Poesias - Dichtungen*. Portugiesisch und Deutsch. Aus dem Portugiesischen übersetzt (...) von Georg Rudolf LIND. (Erste Auflage. Zürich:) Ammann Verlag (1987), pp. 148-58. (Primeiro in: Fernando Pessoa, *Dichtungen*. (Deutsch von Georg Rudolf LIND). (Frankfurt a.M.): S. Fischer (1965).

I)

Ich bin nichts.
Ich werde nie etwas sein.
Ich kann nicht einmal etwas sein wollen.

- 4 Abgesehen davon, trage ich in mir alle Träume der Welt.

II)

- 130 Doch der Besitzer des Tabakladens trat an die Tür und blieb an der Tür.

Ich betrachte ihn mit dem Unbehagen des schräg gedrehten Kopfes

- 132 und mit dem Unbehagen der missverstehenden Seele.

(...)

- 146 Doch ein Mann trat ein in den Tabakladen (um Tabak zu kaufen?),

und die glaubhafte Wirklichkeit überwältigt mich jäh.

Ich richte mich auf, energisch und überzeugt und menschlich,

- 149 und will versuchen, diese Verse zu schreiben, in denen ich gerade das Gegenteil sage.

(...)

- 161 Mit dieser Einsicht steh' ich vom Stuhl auf. Ich trete ans Fenster.

Der Mann hat den Tabakladen verlassen (und das Wechselgeld in die Hosentasche gesteckt?)

Ah, ich kenne ihn; es ist der Stefan ohne Metaphysik.

(Der Besitzer des Tabakladens trat an die Tür.)

- 165 Wie auf Göttergeheiss hat der Stefan sich umgedreht und mich erblickt.

Er winkte mir zu, ich rief: Auf Wiedersehen, Stefan!, und das Weltall

fügte sich, ohne Hoffnung und Ideale, für mich zusammen, und der Besitzer des Tabakladens lächelte.

TRADUÇÕES ESPANHOLAS

3) *Estanco* (texto conforme: Fernando Pessoa, *Antologia de Alvaro de Campos*. Selección, versión y notas de José Antonio LLARDENT. Madrid: Editora

Nacional (1978), pp. 226-43. (Várias edições posteriores, in: Fernand Pessoa, *Poesia*. Selección, traducción y notas de José Antonio LLARDENT (Madrid:) Alianza Editorial (Primera edición 1983; segunda edición 1984 com variações em relação a 1978), bem como, com variações abrangentes na edição de bolso, citada em Nº 4)).

I)

No soy nada.
Nunca seré nada.
No puedo querer ser nada.

4 Esto a parte, tengo en mí todos los sueños del mundo.

II)

130 Mas el Dueño del Estanco asoma a la puerta, se queda en la puerta.

Lo miro con la incomodidad de tener mal colocada la cabeza,

132 con la incomodidad del alma que está malentendiendo.

(...)

146 Mas un hombre entra en el Estanco (¿ para comprar tabaco?)

y la realidad plausible cae de repente sobre mí.

Me semicorporo enérgico, convencido, humano,

149 para intentar escribir estos versos en que digo lo contrario.

(...)

161 Visto lo cual me levanto de la silla. Me acerco de la ventana.

El hombre sale de Estanco (¿ guarda el cambio en el bolsillo de los pantalones?).

Ah, lo conozco: es el Esteves sin metafísica.

(El Dueño del Estanco asoma a la puerta.)

165 Como por instinto divino Esteves se vuelve y me ve.

Gesticula un adiós, le grito ¡ *Adiós Esteves!*, y el universo

se me reconstruye sin ideal ni esperanza, y el Dueño del Estanco sonrío.

4) *Estanco* (texto conforme: Fernando Pessoa, *Antología de Alvaro de Campo*. Traducción, introducción y notas de José Antonio LLARDENT. Madrid: F Libro de Bolsillo. Alianza Editorial (1987), pp. 104-11).

II)

130 *Pero* el Dueño del Estanco *se* asoma a la puerta, *permanece* en la puerta.

Lo miro com la incomodidad de *quien tiene mal orientada* la cabeza

132 y con la incomodidad del alma *cuando* está malentendiendo.

(...)

146 *Pero* un hombre entra en el Estanco (¿ para comprar tabaco?)

y la realidad plausible cae, *de pronto*, sobre mí.

Me *semiincorporo* (etc.)

(...)

161 *En visita de* lo cual me levanto de la silla. Me acerco de la ventana.

El hombre *ha salido* del Estanco (¿ guarda el cambio (etc.)?)

Ah, lo conozco: es Esteves, sin metafísica.
(El Dueño del Estanco *se ha asomado* a la puerta.)
(...)

166 Gesticula *un saludo*, le grito ¡ *Hola, Esteves!*, y el universo
se reconstruye *en mí* sin ideal (etc.)

5) Tabaquería (texto conforme: Fernando Pessoa, *El poeta es un fingidor*.
(Antología poética). Selección, traducción y notas de Ángel CRESPO.
Madrid: Espasa-Calpe 1982, pp. 279-84)

I)

No soy nada.
Nunca seré nada.
no puedo querer ser nada.

4 Aparte de esto, tengo en mí todos los sueños del mundo.

II)

130 Pero el propietario de la tabaquería ha asomado por la puerta y se ha quedado a la puerta.
Le miro con la incomodidad en la cabeza apenas vuelta,

132 y con la incomodidad del alma que está comprendiendo mal.
(...)

146 Pero un hombre ha entrado en la tabaquería (¿ a comprar tabaco?)
y la realidad plausible cae de repente encima de mí.

Me incorporo a medias con energía, convencido, humano,

149 y voy a tratar de escribir estos versos en los que digo lo contrario.
(...)

161 Visto lo cual, me levanto de la silla. Me voy a la ventana.

El hombre ha salido de la tabaquería (¿ metiéndose el cambio en el bolsillo de los pantalones?)

Ah, lo conozco: es el Esteves sin metafísica.

(El propietario de la tabaquería ha llegado a la puerta.)

165 Como por una inspiración divina, Esteves se ha vuelto y me ha visto.

Me ha dicho adiós con la mano, le he gritado ¡ Adiós, Esteves! y el Universo

se me reconstruye sin ideales ni esperanza, y el propietario de la tabaquería se ha sonreído.

Na análise do TP que segue, focalizaremos primeiro a estrutura sintática dos três versos iniciais, mais especificamente a forma retórico-estilística da organização frasal que salta aos olhos na primeira audição e principalmente na primeira leitura. Ela caracteriza-se por um paralelismo nítido dos versos e um climax que, do ponto de vista meramente quantitativo, se constitui formalmente pelas frases sucessivamente mais longas, mas que também existe qualitativamente, ou seja, do ponto de vista do conteúdo, na medida em que asserções negativas mais radicais se sucedem: “não ser”, “nunca haver de ser nada”, “não poder querer ser nada”. (Aliás, dá para ver aqui, a exemplo do acima citado trecho do *Livro do desassossego*, o funcionamento do

entrelaçamento complicado e tipicamente pessoano de modais com o respectivo infinitivo (“não posso querer ser”); aqui, porém, com afirmação imediatamente bem mais plausível). No que diz respeito ao paralelismo, ele baseia-se, antes de tudo, no paralelismo global das três frases com o esquema: partícula de negação + forma verbal na primeira pessoa + *nada* como predicativo do verbo de ligação *ser*, que varia: *sou* - *serei* - *ser*. Este paralelismo global é flanqueado pela epífora em forma da palavra *nada*, sempre no final do verso, e pela anáfora das partículas de negação *Não* - *Nunca* - *Não*, que abrem os versos, uma anáfora que não trabalha, é verdade, com três formas idênticas mas que consiste no fato de que todas as três formas são justamente partículas de negação e portanto sobressaem fonica e graficamente através do *N* inicial. Vamos, porém, às traduções:

A tradução de Celan abre mão, sem necessidade, da manutenção de qualquer anáfora: *Ich bin* - *Werde* - *Kann*. É verdade que o equivalente em alemão da seqüência *Não* - *Nunca* - *Não*, ou seja, *Nicht* - *Nie* - *Nicht*, não pode ter posição inicial pela sintaxe normal da língua alemã, salvo um certo contorcionismo. Mas o segundo tradutor alemão, Lind (cf. Nº 2), preservou parte da anáfora ao colocar, de acordo com a ordem usual em alemão, três vezes o pronome pessoal *Ich* (eu) no começo de oração e verso. Celan talvez quisesse evitar o pouco expressivo *Ich* reiterado e traduziu por isso os versos dois e três elipticamente (*Ich bin*, mas: *Werde*, *Kann*), o que é bastante expressivo mas não reproduz completamente o elemento estilístico que domina o todo, isto é, o paralelismo. Tratasse-se de um texto original de Celan, os leitores talvez sentissem a concisão, com sua conseqüente dureza, de maneira positiva mas este não é o estilo do TP que é sim conciso mas não elíptico.

O que falta em Lind, assim como em Celan, é a epífora do rema, o *nada* final dos três versos, muito mais importante que a anáfora do elemento temático *Ich*. Aliás, no verso 2 é imprescindível, por razões estruturais, abrir mão por completo da palavra *nichts*, já que o vocábulo alemão *nie* só é compatível com *etwas* (*nie etwas*) e não com *nichts* (**nie nichts*). Além disso, ambos os tradutores abdicam, no verso 3, sem necessidade do uso da palavra *nichts*, abdicam de algo como: “*Ich kann nichts sein wollen*”, ao transformar desnecessariamente a afirmação sóbria, dura e simples, o *Não* do TP, hiperbolicamente em *nie*, respectivamente em *nicht einmal*. Um procedimento esclarecedor que foi criticado pela crítica de tradução no contexto das traduções alemãs de Pessoa.⁸ Mas e se ficássemos neste ponto mais perto do original e

⁸ Cf. Friedrich IRMEN, “Versmass, Versrhythmus und Reim bei Fernando Pessoa als Übersetzungsproblem”, in: *Aufsätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte*, Bd. 19, 1984-7, pp. 172-86, especialmente nota de rodapé 22. Outros estudos críticos de tradução sobre Fernando Pessoa em alemão: Georg Rudolf LIND, “Traduzindo Fernando Pessoa”, in: *Ocidente*, vol. 62, 56

conseguíssemos operar as três vezes com *nichts* (ao invés de uma vez com *nie etwas*): como poderia então ter sido colocado este *nichts* em todas as três orações no final do verso, sem romper o molde sintático da língua alemã que normalmente não permite tais violações? No caso do verso 1, lá é seu lugar de costume: “Ich bin nichts”. Isso seria possível também no verso três, onde ao menos cabe o *nichts* e apenas a sua posição representa um problema? Seria por ventura até possível introduzir, mediante um truque de tradução, um *nichts* no verso 2, ao invés de *nie etwas*, e por cima colocá-lo no final do verso? Discuti estas questões reiteradamente em seminários de teoria da tradução e em conversas que seguiam as comunicações.⁹ Uma sugestão, que foi seriamente debatida, é a seguinte:

Ich bin *nichts*.

Ich werde nie[(mals) (etwas)] and(e)res sein als *nichts*.

Ich kann nicht(s) [(and(e)res)] sein wollen als *nichts*.

A expressividade da tripla epífora *nichts* é inegável. Mas o restante das orações 2 e 3 tem pela circunlocução complicada (*nie*, respectivamente *nicht andres als*) efeito tanto menos expressivo, razão disso é em boa parte de novo a sintaxe alemã que separa necessariamente o *werde*, respectivamente o *kann* dos infinitivos ligados e eles: *sein* e *wollen*.

Não quero privar o leitor de mais uma alternativa, sugerida por participantes dos seminários:

Ich bin *nichts*.

Was ich immer sein werde, ist *nichts*.

Was ich sein wollen kann, ist *nichts*.

A expressividade da tripla epífora *nichts* é a mesma de antes. Mas a complicação, agora em forma de uma outra circunlocução, adicionada a um

1962, pp. 155-62. - Maria Luísa AMORIM, “Recepção de Fernando Pessoa na Alemanha”, in: *Vértice*, vol. 26, nº 271 a 272, 1966, pp. 323-35. - Christa RIEDEL, *Georg Rudolf Linds Übersetzungen von Fernando Pessoa. Übersetzungskritik. Diplomarbeit des Dolmetscherinstituts an der Universität Heidelberg*, 1970 (mimiogr. na biblioteca do Institut für Übersetzen und Dolmetschen, ora renomeado, da Universidade de Heidelberg).

⁹ Uma versão anterior da primeira parte deste estudo bem como uma análise das traduções de trechos com diálogos marcados pela oralidade em *Tabacaria*, ambas as temáticas no entanto apenas no que diziam respeito à tradução para o alemão, foram objeto de uma comunicação no *IV Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*, São Paulo 1988, que não pôde figurar nos anais, e de uma conferência, proferida em 1988, nas universidades de Coimbra, Porto e Aveiro bem como na Academia Paulista de Letras.

immer (...) *nichts*, é igualmente comparável. E o círculo de participantes mencionou criticamente que o *nichts* alemão junto à terceira pessoa (“*ist nichts*”) poderia ser equivocadamente compreendido como um *Nada* existencial em oposição ao *Ser* existencial. Pois Pessoa refere-se a um nada qualitativo no sentido de ‘não representar nada positivo’.

Uma terceira alternativa consistiria na mudança da palavra *nichts* para o início do verso, isto é, em abrir mão da epífora e enriquecer semanticamente a anáfora:

Nichts bin ich.
Nichts werde ich je sein.
Nichts kann ich sein wollen.

Mas assim transformar-se-ia o estilo sobrio e duro de uma ordem sintática normal do TP em uma ordem enfática e até pomposamente marcada.

Não quero aborrecer o leitor com mais alternativas plausíveis. A comparação com as traduções espanholas mostra de maneira contundente como uma língua românica não tem, por causa dos parentescos de estrutura com o português, nenhuma dificuldade neste ponto. Primeiro N°3:

No soy *nada*.
Nunca seré *nada*.
No puedo querer ser *nada*.

Se o tradutor espanhol não muda em nada esta primeira tradução na versão mais tardia (N°4) e se o segundo tradutor espanhol, Angel Crespo (N°5), também apresenta a mesmíssima tradução, isso poderia significar que um caminho uma vez trilhado tivesse sido mantido, de inércia por assim dizer. É mais provável, porém, que a tradução dita literal, isto é, a tradução parte por parte com manutenção da ordem dos elementos sintáticos, é ao mesmo tempo a tradução correta no caso de línguas com parentesco estrutural, ou seja, a tradução literal não é de antemão ruim, como é sugerido pela conotação da designação. Ao contrário do que se diz de costume, a verdadeira alternativa do tradutor não é a escolha entre “literal”, quer dizer subserviente, e “livre”, isto é, soberana mas entre correspondência de sentido adequada lingüística e formalmente à LCH e correspondência de sentido que não se adequa à forma lingüística da LCH.

Aliás, permitam-me incluir, neste ponto das observações, duas traduções francesas e uma italiana. Ficará ainda mais evidente que o alemão - e menos as duas línguas românicas - tem dificuldade com a manutenção da estruturas paralelística do TP, e que a facilidade, com qual os tradutores espanhóis operam, não origina apenas no parentesco estrutural muito estreito das duas